

A close-up, frontal portrait of an Iberian wolf. The wolf's face is the central focus, with its dark, textured fur showing shades of grey, black, and brown. Its eyes are a striking yellowish-gold, looking directly at the viewer. The nose is large and black. The background is a soft, out-of-focus continuation of the wolf's fur.

O LOBO-IBÉRICO EM PORTUGAL

Situação no Leste da Beira Interior

Índice

- 2** Características do lobo
- 4** Biologia
- 7** Ecologia
- 10** Ameaças
- 12** Os perigos dos cães à solta
- 14** Papel do lobo na Natureza
- 15** De que se alimenta o lobo em Portugal
- 18** As defesas do gado
- 20** De onde vem e onde está o lobo?
- 23** A história de uma quase-extinção
- 25** A situação do lobo em Portugal
- 28** A situação no Leste da Beira Interior
- 29** A vida “na boca do lobo”
- 33** A prevenção dos ataques
- 39** Apoios à proteção do gado
- 40** No campo, estudando os lobos
- 42** Mitos de ontem e de hoje
- 44** Respostas a algumas perguntas frequentes
- 46** Bibliografia útil
- 48** Projeto Med-Wolf



Nenhum outro animal possui a carga histórica e mítica do lobo. Admirado e adorado por uns, temido e odiado por outros, objeto de fantasias e medos irracionais que ainda pioram a sua imagem. Assim é o lobo-ibérico, o maior predador e um dos animais mais perseguidos e incompreendidos de Portugal.

Tendo em vista este estado de coisas, o presente documento pretende ser uma fonte de informação correta e atualizada, destinada a quem quer saber um pouco mais sobre o lobo em Portugal, sobretudo nas áreas beirãs mais a leste. Das características físicas ao comportamento e à distribuição atual e histórica, passando pela dieta e pelas ameaças a que está sujeito, entre outros temas. Tudo explicado de forma resumida mas factual. No fim, encontra sugestões de bibliografia e de *links* para aprofundar o conhecimento sobre esta espécie tão interessante quanto perseguida.

Aqui está informação recolhida por vários grupos que desenvolveram estudos sobre o lobo em Portugal. Em particular, o trabalho desenvolvido pelo Grupo Lobo em alguns concelhos dos distritos da Guarda e de Castelo Branco, onde está em curso o Projeto LIFE Med-Wolf – Boas Práticas para a Conservação do Lobo em Regiões Mediterrânicas. Esta iniciativa, desenvolvida de setembro de 2012 a setembro de 2017, com o apoio do Programa LIFE da União Europeia, está a contribuir para minimizar os conflitos entre o lobo e as populações locais, por forma a atingir uma coexistência mais pacífica com o lobo. Dentre as iniciativas desenvolvidas destacam-se o apoio a criadores de gado para que possam instalar medidas de proteção que há muito são comuns noutras paragens de Portugal, como bons cães de gado ou vedações à prova de predadores.

Outros focos assentam no estudo da população de lobo; apoio às equipas de vistoria de ataques atribuídos ao lobo através da recolha de material para análise laboratorial e confirmação da responsabilidade do predador; na auscultação das opiniões da população sobre esta espécie; em ações de controlo do uso de venenos; na disseminação de informação junto das entidades locais e escolas; e na produção de conteúdos nos média regionais e nacionais. O objetivo deste Projeto e das iniciativas do Grupo Lobo é a conservação do lobo, mas de forma sustentada, sem comprometer as atividades humanas, desenvolvendo esforços para que estas possam coexistir com o predador, assumindo que a sua conservação apenas será possível com uma abordagem que a todos inclua e a todos dê voz.

Até breve,



Francisco Petrucci-Fonseca
Presidente do Grupo Lobo

Características do lobo

O lobo-ibérico (cujo nome científico é *Canis lupus signatus*) distingue-se do lobo comum no resto da Europa sobretudo por ser mais pequeno e pela sua pelagem, mais amarelo-acastanhada. A designação “signatus” – que em latim significa marca ou sinal – indica as listas negras que a forma ibérica apresenta na parte anterior das patas dianteiras. Por norma, as suas dimensões e peso são idênticas às de um Cão de Pastor Alemão.

Mesmo observadores atentos podem confundir alguns cães com lobos; a destriça por vezes é difícil, sobretudo tendo em conta que o aspeto deste predador sofre alterações ao longo da vida e do ano, em termos de cor (podendo ser mais escuro em jovem e aclarar com a idade) e densidade da pelagem.

A mudança para a pelagem de inverno inicia-se em outubro. Nesta altura, os pelos lanosos (o subpelo) tornam-se mais numerosos e os de revestimento mais longos, constituindo uma melhor proteção contra o frio e a humidade. No dorso, na cauda e no pescoço, os pelos são mais compridos, sendo mais notória uma pequena juba, que apresenta tonalidades mais marcadas. Em março/abril ocorre a mudança para a pelagem estival, com os pelos lanosos quase inexistentes e os de revestimento mais curtos, apresentando tons mais amarelados. Por esta razão os lobos parecem ser mais angulosos no verão, com uma cabeça mais quadrada de onde sobressaem as orelhas, enquanto no inverno aparentam ser mais corpulentos.

CLASSIFICAÇÃO E MORFOLOGIA

Nome vulgar: Lobo-ibérico

Nome científico: *Canis lupus signatus*

Classificação: Mamífero carnívoro, da família dos canídeos

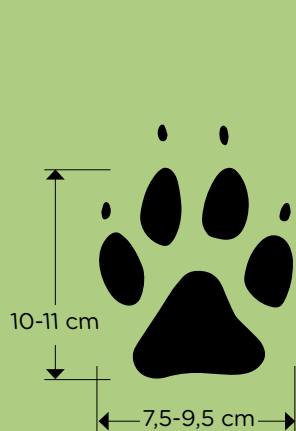
Altura ao garrote: Entre 60 cm e 80 cm

Comprimento: Entre 130 cm e 180 cm, incluindo a cauda

Peso: Entre 25 kg e 40 kg (as fêmeas tendem a ser mais pequenas)

Características morfológicas: Cabeça volumosa de aspeto maciço; orelhas rígidas, triangulares e curtas; olhos frontalizados, oblíquos e cor de topázio; membros fortes e robustos. Não tem quinto dedo nas patas traseiras.

Pelagem: Varia do quase esbranquiçado na zona ventral, ao castanho no tronco, passando pelo castanho arruivado no focinho e cinzento na garganta e nas faces. No dorso tem uma lista negra que vai do garrote à cauda. A coloração dos membros varia entre o castanho, o bege e o ocre, exibindo, nos membros anteriores, listas negras longitudinais muito bem definidas.



A pelagem varia sazonalmente, apresentando-se mais comprida, densa e cinzenta no inverno, e curta, escassa e acastanhada no verão.

Biologia

Organização social

A alcateia é a unidade social básica, formada pelo casal reprodutor e seus descendentes, constituindo um grupo familiar, com uma hierarquia bem definida.

Os lobos são dos carnívoros mais sociais; e a vida na alcateia parece consistir num equilíbrio entre comportamentos de conflito e de coesão, característicos de um grupo familiar. Numa alcateia típica os animais mais jovens são mais submissos para com os animais mais velhos e, à medida que vão crescendo, os conflitos tornam-se mais prováveis entre indivíduos do mesmo sexo, conduzindo à dispersão dos animais subadultos. Em determinadas situações, pouco frequentes, as alcateias podem também adotar, pelo menos temporariamente, indivíduos jovens dispersantes.



Dinâmica da alcateia

Na alcateia, geralmente apenas o par dominante se reproduz. Para se reproduzirem, os restantes lobos têm de abandonar a alcateia natal (dispersar) e encontrar um território livre com alimento suficiente para se poderem estabelecer com um novo parceiro e formar uma nova alcateia. No entanto, enquanto tal não acontece podem dispersar e sobreviver isoladamente ou por vezes integrar outras alcateias, geralmente de forma temporária. Embora possa ocorrer ao longo de todo o ano, a dispersão é mais frequente na primavera e no outono.



Em cada população existe um pequeno número de lobos que não possui território, sendo animais dispersantes ou que foram afastados dos seus grupos sociais (p. ex. após a perda da posição dominante). Os mecanismos reguladores da dimensão da alcateia, e portanto da população, são a disponibilidade de alimento e de espaço, e a competição

com outros lobos, a que acresce a mortalidade natural e, em muitas regiões, a causada pelo Homem. Os lobos podem morrer de várias causas naturais (p. ex. doença, acidente, agressão de outros lobos), embora a principal seja a falta de alimento. No entanto, em condições favoráveis, os lobos podem viver até aos 13 anos de idade, na Natureza, e até aos 17 anos, em cativeiro. Dada a elevada mortalidade nos juvenis e subadultos, a esperança média de vida, em liberdade, fica longe de tais valores.

Sabe-se que a dimensão da alcateia tende a correlacionar-se com a quantidade de alimento disponível, ou seja, se houver pouco alimento disponível as alcateias serão necessariamente menores.

Dimensão da alcateia

O número de indivíduos numa alcateia varia conforme a altura do ano. O número é mínimo no inverno, antes da época de reprodução, em consequência da dispersão ou mortalidade dos juvenis de ninhadas anteriores; atinge o máximo no final do verão, início do outono, incluindo as crias nascidas nesse ano. Em Portugal, o número de animais adultos por alcateia varia entre 2 e 8, consoante as regiões do País, sendo, em geral, no outono, ligeiramente menor na população a sul do rio Douro (média de 6 lobos) do que no Norte do País (média de 7 lobos). Em Espanha, por exemplo, a observação de 15 alcateias revelou um número médio de cerca de 9 lobos adultos por grupo.



REPRODUÇÃO

Época de reprodução: Uma vez por ano (março-abril), nascendo as crias em maio-junho.

Período de cio das fêmeas: 5-7 dias.

Gestação: Cerca de 2 meses.

Número médio de crias por ninhada: 5, com um mínimo de 2 e um máximo de 11 crias.

Maturidade: Entre o ano e meio e os dois anos de idade, altura em que podem abandonar a sua alcateia à procura de um novo parceiro e de território.

Cuidados com as crias

A progenitora fica com as crias a maior parte do tempo durante o primeiro mês de idade (no período de aleitamento). Para além do casal reprodutor, que regressa frequentemente para junto das crias, também outros membros da alcateia podem ajudar na vigilância, proteção e alimentação das crias (p. ex. regurgitando).

Se não forem perturbados, os lobos podem usar as mesmas tocas ano após ano, por vezes durante várias décadas, podendo ainda utilizar diferentes tocas num mesmo ano.



Ecologia

ALIMENTAÇÃO

Dieta: Predador generalista, consumindo de pequenos roedores a mamíferos de grande porte. Se não for interrompido, tende a consumir totalmente as presas capturadas, podendo regressar várias vezes ao local onde deixou a carcaça. Quando um lobo está saciado pode também armazenar alimento, por norma enterrando-o em locais distantes do local de captura da presa, que aproveitará mais tarde.

Presas preferenciais: Ungulados silvestres, como o corço, o veado e o javali. Contudo, devido à destruição do *habitat* e à escassez das suas presas naturais, também se alimenta de ungulados domésticos.

Em virtude dos comportamentos de defesa (antipredatórios) das suas presas naturais, os lobos apenas são bem sucedidos em menos de metade das suas tentativas de caça.

Necessidade energética diária: Cerca de 3-5 kg de carne; no entanto pode passar vários dias sem comer. O lobo tem uma grande capacidade para aproveitar ao máximo todo o alimento disponível, podendo consumir até 10 kg de carne numa só refeição, mas é igualmente capaz de sobreviver durante meses com pouco alimento.



Área vital

Uma alcateia desloca-se numa determinada área onde se alimenta, se reproduz e encontra abrigo, defendendo-a contra intrusos. A dimensão deste território depende sobretudo da dimensão do grupo e da disponibilidade de alimento. Em Portugal os territórios podem variar entre 50 e 300 km². Apesar da alcateia tender a manter-se na mesma área de uns anos para os outros, a dimensão e os limites desta podem alterar-se ou deslocar-se, em virtude da competição com alcateias vizinhas ou de alterações do meio.

Expansão da população

O mecanismo habitual para a expansão de uma população de lobos baseia-se no estabelecimento de novas alcateias junto a outras existentes, o que permite reduzir os riscos associados à dispersão, embora tal não se faça sempre para *habitats* mais favoráveis à sobrevivência da espécie. Geralmente os animais dispersantes estabelecem os seus territórios ou integram outras alcateias a uma distância de 50 a 100 km da alcateia de origem, mas podem também dispersar até várias centenas de quilómetros de distância, surgindo em zonas de onde a espécie havia desaparecido. É sabido, por animais seguidos por colares GPS, que alguns lobos dispersantes podem percorrer distâncias superiores a 1.000 km em poucos meses. Foi o caso do lobo “Slavc” que dispersou no inverno de 2011, saindo das florestas da Eslovénia em busca de novos territórios. Numa semana, chegou à Áustria e, até chegar aos arredores de Verona, em Itália, percorreu várias zonas densamente povoadas. Em abril, atingiu o parque natural de Lessinia, onde se fixou e estabeleceu a sua alcateia após uma viagem de 1.200 km.

Atividade diária

Os lobos, como a maioria dos carnívoros, são animais sobretudo noctívagos. Na Península Ibérica, o ritmo de atividade dos lobos parece seguir um padrão bimodal, com uma atividade essencialmente noturna, apresentando dois picos de atividade, um durante a primeira metade da noite e o outro durante a madrugada, entre os quais se regista um curto período de repouso.



ESTATUTO DE AMEAÇA

Península Ibérica:

“Quase Ameaçado” (NT), com um total de cerca de 2.300 exemplares.

Portugal:

“Em Perigo” (EN), com cerca de 300 animais.

PROTEÇÃO LEGAL

INTERNACIONAL:

Convenção de Berna: Espécie estritamente protegida.

Diretiva *Habitats*: Espécie prioritária.

CITES: Espécie potencialmente ameaçada.

NACIONAL:

Legislação específica de proteção do lobo-ibérico (Lei n.º 90/88 de 13 de agosto e Decreto-Lei 139/90 de 27 de abril): espécie estritamente protegida em Portugal. Estas leis protegem totalmente o lobo no nosso País, proibindo o seu abate, captura, detenção, transporte, comercialização, assim como a exposição de exemplares, a perturbação ou a destruição do seu *habitat*.

Ameaças

Ameaçado pela perseguição humana: esta é motivada pelo desejo de impedir ataques ao gado, por ignorância ou medo, e pelo receio dos caçadores de que o lobo reduza a quantidade de exemplares de espécies cinegéticas. O Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF) apurou que pelo menos 31 das 100 mortes de lobos registadas entre 1999 e 2014 foram causadas por laços, tiros ou veneno. A principal causa de morte detetada foi o atropelamento (35%), talvez por ser mais notória do que outras.

As ações de controlo ao furtivismo são pouco eficazes e este continua presente, ameaçando não só animais silvestres mas também domésticos.



Lobo morto ilegalmente num laço (cabo de aço) armado por caçadores furtivos para a captura de javalis.

Pela deterioração e fragmentação do habitat: a construção de estruturas que causam isolamento geográfico, como autoestradas ou barragens, a destruição da vegetação nativa e os incêndios, têm vindo a aumentar a fragmentação da população lupina, dificultando a dispersão dos animais e a permuta de indivíduos entre alcateias (acarretando perda de fertilidade e maior suscetibilidade a doenças). A abertura de caminhos permite, em alguns casos, o acesso das pessoas a zonas de refúgio para o lobo, perturbando a utilização dessa área pela espécie.



A construção de passagens de fauna, superiores ou inferiores, é importante para evitar o efeito barreira das autoestradas e prevenir eventuais acidentes.

Por cães vadios ou assilvestrados: competem com o lobo por território e alimento, atacando muitas vezes os animais domésticos, causando prejuízos que tendem a ser atribuídos ao lobo. A possibilidade de hibridação com o lobo, originando híbridos férteis, poderá vir a ser um problema. Este fenómeno, apesar de raro, se considerarmos o número de cães e lobos que existem nas nossas montanhas, foi confirmado recentemente por análises genéticas.

Os perigos dos cães à solta



Por um lado, existem cães assilvestrados, que são cães que reverteram ao estado selvagem. Por outro, há cães vadios, animais que até podem ter tido dono mas que agora se encontram livres, embora continuem dependentes de alimento fornecido por humanos; e ainda abundam cães com donos mas que são deixados a vaguear. Estes cães podem realizar ataques a explorações pecuárias, sendo estes muitas vezes atribuídos ao lobo.

Os riscos para as pessoas também aumentam, pois muitos cães cresceram habituados à presença do Homem, não fugindo à sua aproximação, como faz o lobo. Assim, não receiam alimentar-se de lixo em zonas urbanas nem evitam o convívio com os cães que vivem nas nossas casas, transmitindo-lhes doen-

ças; tudo isto resulta num grave problema de saúde pública. Depois, quem vive perto deles sente receio e acaba por tomar medidas drásticas e ilegais, como a distribuição de veneno, causando a morte de inúmeros animais domésticos e de espécies protegidas, incluindo aves necrófagas.



É importante diminuir o número de cães vadios, que podem atacar os animais domésticos e a caça e ainda transmitir doenças.

Lobos ou cães?

As diferenças entre o comportamento predatório do lobo e do cão podem ser significativas: a estrutura social muito forte das alcateias, com ênfase na aprendizagem através dos pais, dá ao grupo poderio suplementar. Nas matilhas de cães assilvestrados, a liderança aparenta ser menos assertiva e os laços sociais mais débeis, resultando em comportamentos predatórios menos eficazes e coordenados, o que é reforçado pelo facto de muitas serem formadas por animais de diferentes raças e tamanhos.

Os ataques de cães a gado são geralmente mais caóticos, podendo no entanto alguns cães demonstrar um comportamento de ataque muito semelhante ao do lobo; por vezes, só com análises genéticas a amostras retiradas dos ferimentos dos animais atacados se consegue confirmar a espécie dos responsáveis pelo ataque.

Os ferimentos causados por cães em cabras e ovelhas restringem-se menos à zona do pescoço do que no caso dos lobos, que aplicam aqui cerca de 90% das suas mordidas.

O primeiro ponto de ataque do lobo a um bovino adulto é a região posterior do animal, seguido das axilas, zonas afastadas da principal arma de defesa dos animais, os cornos. Os cavalos são mais atacados no pescoço, mas também nos quartos posteriores.

De um modo geral os ataques realizados por cães resultam em ferimentos em várias zonas do corpo dos animais, e em vários animais feridos e mortos, geralmente de forma pouco “limpa”.

Papel do lobo na Natureza

O papel que o lobo desempenha como predador de topo assume várias formas.

Ele reduz o número das suas presas silvestres e diminui de forma natural a ocorrência de doenças nas espécies de que se alimenta, dado que tem mais facilidade em caçar os exemplares débeis ou doentes.

Ao consumir javalis e veados, reduz os prejuízos que estes causam nas culturas agrícolas e florestais e evita que transmitam ao gado doenças como a tuberculose e a brucelose. Em algumas regiões do País, o javali representa mais de 40% da alimentação dos lobos.

Além disso, como superpredador que é, diminui os números de outros carnívoros, como a raposa, a geneta, o texugo ou a fuinha, minimizando assim o impacto destes nos animais domésticos e na caça.

Sabe-se, por estudos feitos sobre a sua alimentação, que os cães vadios – ou assilvestrados – podem representar 20% da sua dieta em algumas regiões da Península Ibérica.

Nas áreas em que o lobo deixou de ter uma presença regular, há tendência para um aumento demográfico de várias espécies de predadores de médio porte. Também o número de cães vadios tende a aumentar em zonas onde a população lupina é reduzida ou inexistente, tendendo aqueles a ocupar o lugar do lobo e causando prejuízos muito avultados no gado, que não são compensados pelo Estado.

Ao protegermos o lobo, sendo este um predador de topo, estamos a proteger todo um grupo de espécies da fauna e flora (como os ungulados silvestres de que o lobo se alimenta ou os bosques de carvalhos onde muitos animais se refugiam) que com ele partilham o ecossistema. Conservamos assim o património natural associado a esta espécie; uma riqueza que é nossa e que devemos salvaguardar para as gerações futuras.



De que se alimenta o lobo em Portugal

Existem mais de 30 estudos sobre a alimentação do lobo no nosso País, baseados na análise de dejetos recolhidos em várias zonas.

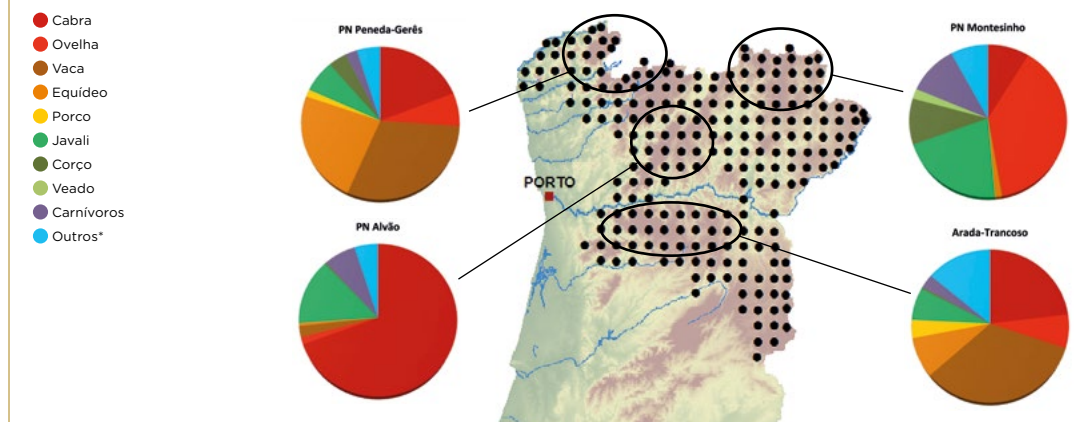
Sabemos que a alimentação do lobo varia consoante a região. A figura seguinte ilustra bem este fenómeno. A base são as espécies domésticas: cabras, ovelhas, vacas e equídeos (cavalos, asininos e muares), que no total surgem em mais de 70% das amostras, na maioria das áreas em estudo. A única exceção é a região do Parque Natural de Montesinho (distrito de Bragança), onde as espécies pecuárias representam menos de 50% da dieta do lobo e os ungulados silvestres, como o javali, o corço e o veado, são parte importante, surgindo em mais de 30 a 40% das amostras.

Em algumas regiões estudadas desde 1980, verifica-se um aumento no consumo de ungulados silvestres por parte do lobo, mesmo em áreas onde os elevados efetivos pecuários continuam a constituir a base da sua dieta, como é o caso de algumas alcateias do Parque Nacional da Peneda-Gerês (distritos de Braga e de Viana do Castelo). Realce-se a crescente representatividade dos ungulados silvestres na dieta de uma alcateia do núcleo populacional de Bragança, passando de 30% na década de 1980 para 70% na década de 1990. Pelo contrário, na região do Parque Natural do Alvão o consumo de presas silvestres parece ter-se mantido reduzido e constante (cerca de 14% da dieta) ao longo de uma década. No entanto, a maioria dos estudos foi feita antes de 2000, carecendo de atualização.

Para além da predação, em algumas áreas a sul do rio Douro o consumo de equinos e bovinos baseia-se em carcaças deixadas em vazadouros (necrofagia). O lobo alimenta-se também de carnívoros como raposas, gatos e, sobretudo, cães, demonstrando a importância do lobo no controlo do número de carnívoros de médio porte, em particular de cães vadios e assilvestrados.

Variação regional da dieta do lobo:

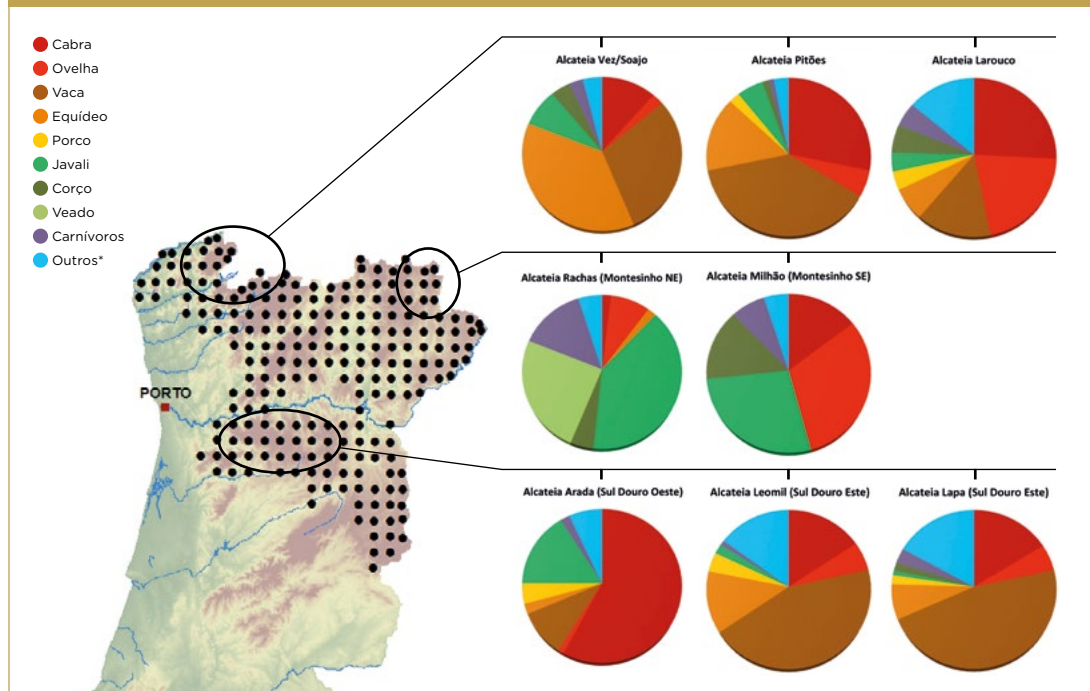
frequência da ocorrência de itens alimentares nos principais núcleos populacionais de lobo



Mesmo alcateias vizinhas podem ter dietas diferentes, como resultado de variações locais na dimensão dos efetivos pecuários e nas práticas de pastoreio. O estudo desta variação pode ser muito importante para aplicar com maior eficácia as diferentes medidas de prevenção de ataques.

Variação local da dieta do lobo:

frequência da ocorrência de itens alimentares em alcateias adjacentes



* A categoria "Outros" inclui coelhos e lebres, ratos e aves. Gráficos das figuras adaptados de Álvares et al. (2015).

PONTOS-CHAVE

A presença de animais domésticos na dieta do lobo varia regionalmente: entre os 20% (na Serra de Ancares, em Espanha) e os 90% (na Galiza e em Portugal, nas Serras do Alvão e da Padrela e ainda nas Serras da Peneda e do Gerês), passando pelos 60% na região de Bragança e os 80% na região a sul do Douro.

Um lobo come até 10 kg de carne numa só refeição: embora a média seja 3-5 kg por dia, mas também pode passar vários dias sem comer.

Os lobos podem matar vários animais num mesmo ataque: este comportamento é raro na Natureza, mas frequente com animais domésticos menos bem protegidos ou que perderam os comportamentos de defesa naturais.

O lobo não tem prazer em matar: a morte de vários animais num mesmo ataque, as chamadas “lobadas”, decorre de um comportamento que também surge noutros predadores (como quando uma raposa entra num galinheiro) não estando associado ao prazer, mas sim ao instinto de caça.

Os lobos regressam para consumir as carcaças dos animais que predaram: quando não são perturbados, consomem as carcaças na totalidade.

O lobo tem um impacto muito reduzido na caça menor.

O lobo diminui o número de raposas e de cães vadios.

O lobo protege a agricultura dos estragos feitos por veados e javalis.

O javali é presa frequente do lobo, quando os rebanhos estão bem protegidos.

As defesas do gado

Algumas raças de gado ainda mantêm comportamentos antipredatórios bem evidentes. Quando se apercebem da presença do lobo, **as cabras e as ovelhas** tendem a agrupar-se rapidamente. O chamado “instinto centrípeto” das presas leva-as a enfrentar assim a ameaça. Mas quando o lobo investe sobre o rebanho, os animais fogem em debandada, podendo dispersar-se de forma desordenada. Os caprinos tendem a procurar refúgio em zonas mais escarpadas, quando disponíveis.

Os bovinos numa manada agrupam-se, com a mesma tendência centrípeto, e formam uma linha defensiva: virados na direção dos lobos, numa frente com várias fileiras de animais. Os mais velhos colocam-se na dianteira, en-





Algumas raças de gado ainda mantêm comportamentos de defesa que ajudam a diminuir os ataques de lobos.

quanto os animais mais jovens se mantêm atrás. Quando o lobo avança, as vacas investem com a cabeça baixa, tentando atingi-lo com os cornos.

Já **os cavalos**, isolados ou em grupo, parecem reagir de duas formas às investidas do lobo: fogem a galope ou ficam no local e enfrentam o predador. À aproximação deste, os grupos de equinos parecem exibir também o mesmo “instinto centrípeto”, com alguns dos indivíduos assumindo atitudes mais ativas, atacando com as patas posteriores ou anteriores, consoante o ataque do lobo. Há relatos, não verificados, de cavalos a formar um círculo defensivo, com os quartos traseiros para o exterior, com as crias no centro dessa formação, defendendo-se com coices.

Um comportamento que aumenta o risco de ataque pelo lobo é a tendência das fêmeas para se afastarem do seu grupo para parir.

AS “LOBADAS”

Embora muito raramente, do ataque de um carnívoro pode resultar um elevado número de animais domésticos mortos. E, no caso dos lobos, surgem as “lobadas”. O instinto de caça não é desligado no predador com o primeiro ataque eficaz, pois ele tem também tendência para armazenar o que não consegue comer de uma vez. Como algumas espécies de animais domésticos perdem a reação antipredador em certas circunstâncias (quando se veem encurralados, por exemplo), o predador pode ser tentado a atacar o maior número possível de presas fáceis, para posterior consumo.

Em resumo: nos casos invulgares em que um lobo mata muitos animais num ataque, tal não acontece por “prazer”, mas apenas por instinto de caça, exacerbado pela abundância de presas à sua volta.

De onde vem e onde está o lobo?

Perto de Leiria foram encontrados abundantes vestígios pré-históricos de lobos. Na raia espanhola, junto a Ciudad Rodrigo, existe uma imagem paleolítica de um lobo, dentro da figura de um auroque; no Vale do Côa, podemos ver uma gravura que talvez ilustre um homem com cabeça de lobo – estes vestígios, com pelo menos 15 mil anos de idade, mostram que o lobo desde muito cedo foi importante na vida humana. Reflexos disto são ainda hoje legíveis nos nomes de povoações como Mata de Lobos, em Figueira de Castelo Rodrigo, Pena de Lobo, no Sabugal, ou Pailobo, na antiga freguesia de Parada, em Almeida – esta até tinha um lobo no seu brasão.



Acredita-se hoje que os canídeos surgiram na América do Norte, espalhando-se daí para a Ásia e Europa. Ossadas de um antepassado do lobo, com cerca de 8 milhões de anos, foram descobertas em Espanha. Há cerca de um milhão de anos, evoluíram os primeiros lobos, que acabaram depois, em várias ocasiões, por emigrar da Sibéria para o Alasca, territórios então ligados pelo istmo de Bering.

Originalmente, o lobo distribuía-se por todo o Hemisfério Norte, vivendo nos mais diversos habitats: nas terras geladas do Alasca, na tundra siberiana, em florestas na América do Norte e na Eurásia, até nas regiões semidesérticas da Arábia.

Hoje, sobrevivem três espécies: o lobo-vermelho (*Canis rufus*), o lobo da Etiópia (*Canis simensis*) e o lobo-cinzento (*Canis lupus*). Deste, conhecemos inúmeras subespécies, como a ibérica, que ilustram o seu poder de adaptação: do grande lobo da Península de Kenai, no Alasca, com dois metros de comprimento e hoje extinto, ao pequeno lobo-árabe, adaptado à dura vida no deserto, que pesa em média apenas 18 kg, passando pelo lobo-do-ártico, de pelagem branca, ideal para se camuflar na neve.

O lobo foi exterminado em grande parte da Europa Ocidental, da China, da Índia, dos EUA e do México, devido à perseguição humana e à fragmentação dos seus habitats. Ocupa hoje menos de 68% da sua área de distribuição original, a nível mundial.

Nas últimas décadas esta situação tem vindo a inverter-se, em virtude da proteção legal e da maior tolerância, o que tem permitido a recolonização natural de antigos territórios. Em várias regiões e países da Europa, há populações em recuperação. É o caso do Norte de Itália, a partir de onde o lobo se expandiu para o Sudeste de França, país de onde havia desaparecido há mais de 100 anos; ou do seu aparecimento na Alemanha, e da sua expansão na Escandinávia. Nos EUA, o lobo beneficiou ainda de um programa de reintrodução no Parque Nacional de Yellowstone, em 1995-96. O último censo a nível mundial, de 1998, refere a presença de lobos em 43 países; em 36 o número de lobos é estável ou tende a aumentar, nos restantes 7, o número de lobos está a diminuir.

O pai de todos os cães

O lobo é muito mais familiar do que imaginamos.

Tão familiar que muitos de nós temos descendentes seus em nossas casas: os cães. É difícil olhar para um podengo e imaginar que o seu antepassado silvestre foi o lobo. Mas é certo que esta domesticação decorreu ao longo de milhares de anos, culminando, após a seleção levada a cabo pelo Homem, nas mais de 340 raças caninas que hoje são reconhecidas.



Exemplar da subespécie de lobo-mexicano.



Exemplar de lobo-vermelho.

Talvez os lobos que estiveram na origem do nosso cão tenham sido adotados como guardas; ou talvez tenham sido eles a adotar os humanos, procurando-os em busca de alguns restos de comida. Estudos genéticos publicados já em 2015, com base em amostras de milhares de cães, localizam a primeira domesticação do lobo na Ásia, talvez entre a Mongólia e o Nepal, há cerca de 15.000 anos. O aumento da densidade da população humana, cada vez mais eficaz na caça, e a mudança de clima podem ter reduzido o número de presas silvestres e levado os lobos a aproximarem-se dos restos de comida deixados pelos humanos, o que favoreceu a seleção de animais mais pequenos e mais mansos. Durante este processo, eles poderão também ter sofrido mutações que os habilitaram a digerir melhor o amido, tão importante na nossa alimentação. Depois, claro, outros traços fundamentais foram sendo adquiridos pelos cães, como as aptidões cognitivas e sociais que lhes permitem comunicar connosco e entender as nossas ordens e intenções.



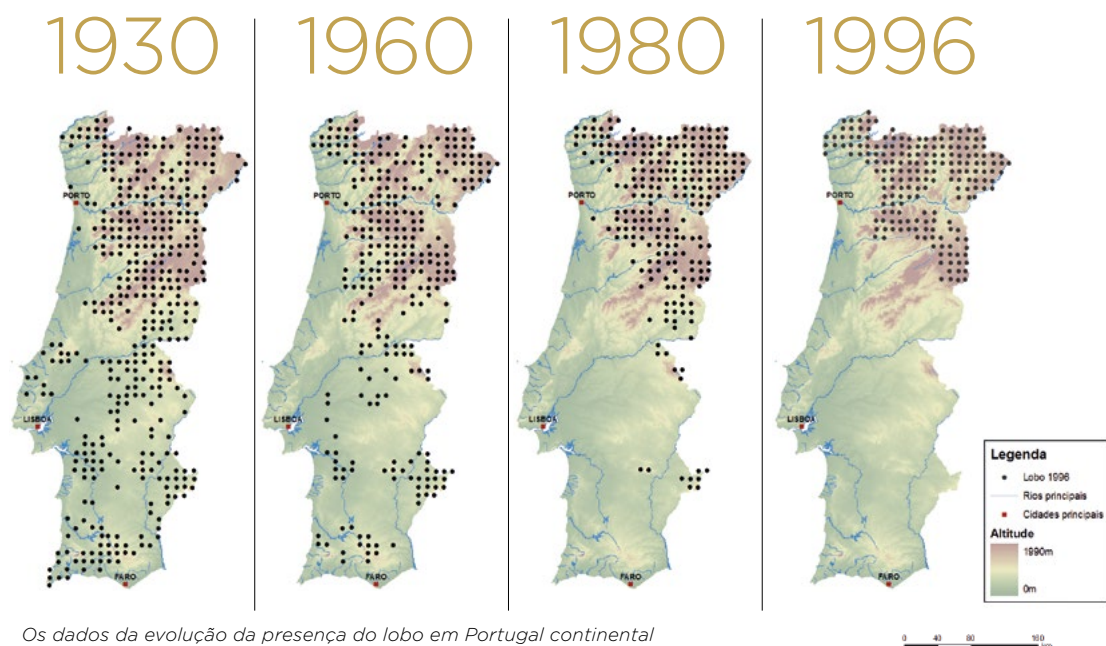
Crânio do cão mais antigo conhecido na Península Ibérica, com cerca de 8.000 anos, recolhido nos concheiros de Muge no séc. XIX.

A história de uma quase-extinção

Durante séculos o lobo desfrutou, em toda a Península Ibérica, de condições perfeitas para a sua sobrevivência.

Há muita informação escrita sobre a presença constante de lobos em todo o território nacional ao longo do século XIX, em números bastante elevados quando comparados com os atuais. No final daquele século começou o desaparecimento do lobo de algumas regiões e a diminuição dos seus efetivos populacionais.

No início do século XX, ainda havia registos da presença de lobos desde as serras algarvias às regiões montanhosas do Minho e Trás-os-Montes, passando por todas as regiões interiores do Alentejo e das Beiras. Só em zonas litorais, por norma áreas com maior densidade populacional (Lisboa, Porto, Coimbra, Aveiro, Península de Setúbal) é que a espécie já estaria desaparecida ou com presença pouco frequente.



Os dados da evolução da presença do lobo em Portugal continental mostram uma redução drástica da área de distribuição da espécie, que ocupa atualmente apenas 20% da área original.

O lobo foi desaparecendo de sul para norte e do litoral para o interior, sem que tal tenha ocorrido de uma forma linear e contínua – houve momentos de aumento populacional em diversas áreas, que depois acabaram por ceder às pressões e ameaças existentes.

A eficácia da perseguição humana foi aumentando durante o século xx, com a massificação do uso de armas de fogo e venenos. Mesmo armadilhas antigas, como os fojos, eram impressionantes: por vezes incluíam muros convergentes em pedra com quilómetros de extensão – estes ainda hoje marcam as paisagens serranas, embora ocultos por séculos de urzes, giestas e vandalismo.

Outras causas da regressão do lobo estiveram associadas sobretudo ao aumento da rede viária, em conjunção com o crescimento da população humana e a diminuição dos efetivos pecuários de ovinos e caprinos, assim como de presas naturais. Estes fatores e outros, isolados ou em conjunto, potenciaram a diminuição da disponibilidade alimentar e a fragmentação das populações lupinas.

Estima-se que a área de distribuição do lobo em Portugal entre 1900 e 1930 fosse de 44.100 km², tendo diminuído para 29.600 km² em 1960 e para 24.200 km² na década de 80 do século xx. Entre 1980 e 1996 (ano da finalização do primeiro censo do lobo em Portugal) verificou-se ainda uma diminuição da área de presença da espécie para cerca de 19.400 km². Calcula-se que no início de 1990 o lobo ocuparia em Portugal apenas 20% da sua área de distribuição original, que abrangeria a quase totalidade do território português.

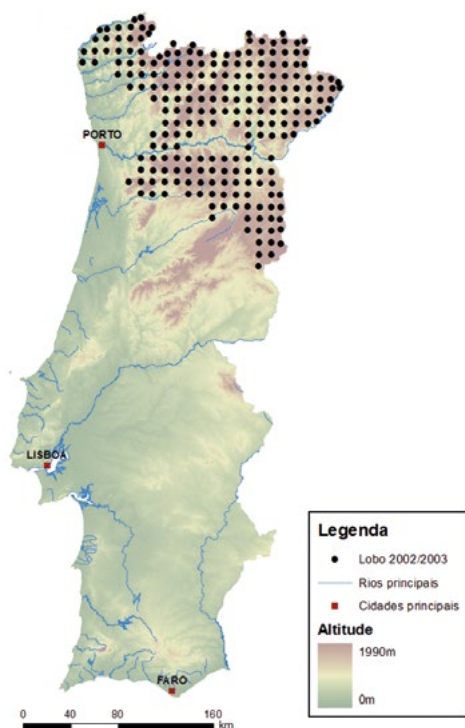


A situação do lobo em Portugal

O último censo nacional da população lupina foi realizado entre 2002 e 2003, resultando de uma parceria entre o ICNF e o Grupo Lobo. O mapa de distribuição do lobo em Portugal foi então atualizado, tendo sido prospetada uma área de cerca de 29.000 km², por 6 equipas de técnicos.

De acordo com os dados assim apurados, a área de distribuição do lobo em Portugal incluía apenas 16.300 km², com 12.500 km² a norte do rio Douro e 3.800 km² a sul do mesmo. A população nacional está dividida pelo rio Douro, que constitui uma barreira natural, em dois núcleos: um mais estável a norte do rio Douro e outro menor e mais isolado a sul deste rio. A norte do rio Douro a sua área de distribuição estende-se da Serra d'Arga, a oeste, até ao Planalto Mirandês, a este.

O limite sul desta população lupina continua pela região de Ponte da Barca, passando pela Serra da Cabreira, indo até à Serra do Marão. Desta serra, flete para nordeste até à Serra da Nogueira, descendo pela Serra de Bornes até ao troço internacional do Douro. O limite norte da população a sul do rio Douro é definido essencialmente pelo elevado grau de humanização da paisagem ao longo da região vinícola do Douro. A distribuição deste núcleo estende-se desde as Serras da Freita e da Arada, a oeste, até à região de Trancoso e Penedono, mais a leste. Na região fronteiriça com Espanha, entre o Douro e a Serra da Malcata, registava-se também a presença de lobo, embora de uma forma muito irregular e instável.



Os resultados do último censo nacional do lobo, bem como os dados recolhidos desde então, mostram a estabilidade global da população lupina.

Entre 2004 e 2013 foram desenvolvidos vários projetos de monitorização dirigidos ao lobo que abrangeram a maior parte da área de presença da espécie. No âmbito destes, foi possível confirmar a presença de cerca de 70% das alcateias identificadas no censo nacional 2002/2003. Em algumas áreas limítrofes da distribuição foi agora possível confirmar a presença de uma ou outra alcateia. No caso de outras, tudo indica que tenham desaparecido.

Dada a impossibilidade de conhecer o número exato de lobos que existem no território nacional, são efetuadas estimativas multiplicando o número de alcateias identificadas por um número médio de indivíduos, o qual pode variar consoante a região. A densidade de lobos a norte do Douro é mais elevada, variando de 1,6 a 3,0 lobos por 100 km², enquanto que na área a sul daquele rio será de 0,5 a 1,3 lobos por 100 km². Estas estimativas são similares às registadas em Espanha, cujos valores variam de 0,5 a 3,3 lobos por 100 km², consoante as regiões, e na Europa – 1 a 3 lobos por 100 km².

De acordo com estas estimativas, o número de lobos hoje presente no território português deverá situar-se entre os 200 e os 400.

As perspetivas futuras

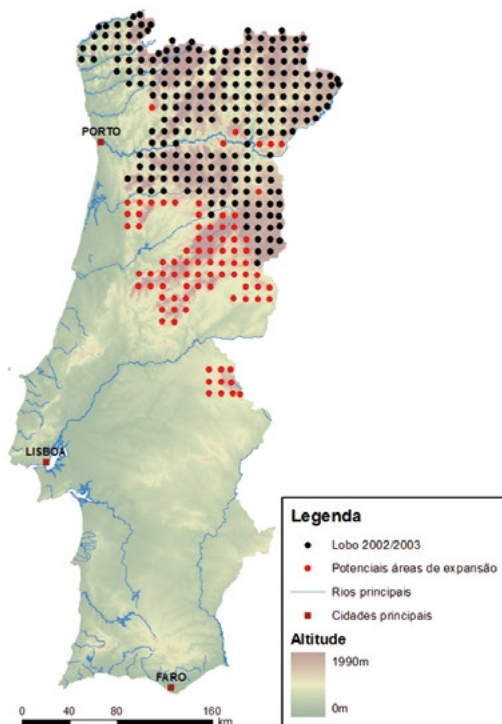
Há mais de duas décadas que os lobos têm vindo a recolonizar áreas na Europa de onde haviam desaparecido ao longo dos dois últimos séculos. Também em Espanha a área de distribuição do lobo tem vindo a aumentar, principalmente a sul do rio Douro, onde voltou a incluir parte das províncias de Salamanca, Segóvia, Ávila e, mais recentemente, Madrid. Em consequência desta expansão, nos últimos anos também se registou a presença de lobos nos Pirenéus, estes provenientes de França, embora ainda não se tenha confirmado reprodução na vertente Ibérica daquela cadeia montanhosa.

Nas últimas décadas o lobo, tal como outros carnívoros, tem vindo a recuperar parte da sua área de distribuição, que abrangia todo o continente europeu.



No entanto, a população portuguesa aparenta estar globalmente estável, comparando com os dados do primeiro censo nacional, realizado em 1996-1997, isto apesar de se terem registado episódios locais de extinção ou de recolonização, nomeadamente no noroeste minhoto e a sul do Douro.

O comportamento de dispersão do lobo permite a deslocação de exemplares até milhares de quilómetros da sua alcateia natal, assim voltando a espécie a surgir em regiões de onde havia desaparecido. As áreas limítrofes à presença de lobo ou de fronteira Portugal-Espanha estão sujeitas a estes movimentos naturais. Podemos referir o lobo encontrado envenenado em 2004 na região de Idanha-a-Nova, que teve origem na população espanhola ou do nordeste transmontano, como comprovado por análises genéticas. Ou o restabelecimento recente de uma alcateia na região da Serra d'Arga (Viana do Castelo) de onde o lobo tinha desaparecido havia vários anos. À semelhança da tendência mundial, é previsível que em Portugal o lobo amplie a sua área de presença nos próximos anos. Para ajudar a prever esta situação, foram feitas modelações pelo Projeto Med-Wolf, tendo por base os requisitos da espécie e as características do *habitat* onde o lobo existe atualmente; estas indicam que haverá potencial para a presença do lobo em 41.816 km² do País. Esta área, que equivale a duas vezes e meia a presente área de distribuição em Portugal, quantifica os espaços que o lobo, livre de pressões humanas acrescidas, poderia ocupar de forma persistente, estabelecendo alcateias e reproduzindo-se. Não é de todo provável que tal venha a acontecer, sobretudo tendo em vista que se trata de 45% do território nacional, mas é um dado que reflete a adaptabilidade deste predador. Trata-se, no entanto, de informação que pode ser relevante para as regiões mais sujeitas a possíveis expansões da população lupina, permitindo a implementação de ações prévias que ajudem a facilitar a coexistência com este predador.



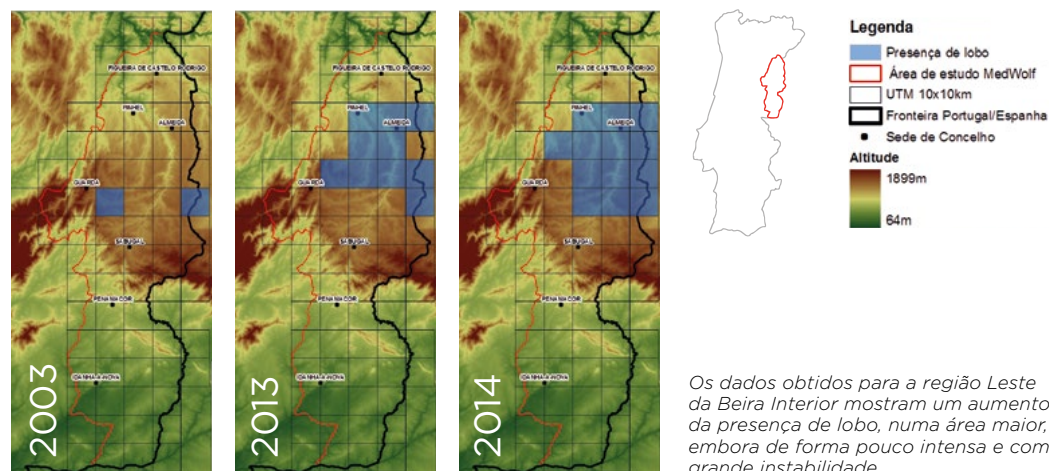
Apesar de existir potencial para a expansão natural da espécie a nível nacional, não é provável que tal venha a ocorrer nos próximos anos.

A situação no Leste da Beira Interior

Nesta área foram detetados vestígios da presença de 2 alcateias (na região da Guarda e do Sabugal) no censo nacional de 2002/2003, seguindo-se um período em que apenas foi possível registar a presença irregular de lobo, sem evidências de alcateias. Dados recentes têm mostrado um aumento no número de observações de lobo e de prejuízos causados ao gado na zona. Esta tendência acompanha o que se passa nas áreas contíguas de Espanha, em que a presença do lobo se tem intensificado. Em 2013 e 2014, apesar do aumento da área de presença da espécie, os dados recolhidos pelo Projeto Med-Wolf permitiram confirmar a presença de apenas uma alcateia nos 7 concelhos abarcados pelo Projeto (Figueira de Castelo Rodrigo, Pinhel, Almeida, Guarda, Sabugal, Penamacor e Idanha-a-Nova), mas com uma localização diferente das identificadas no referido censo.

Em 2014, com exceção da região sul do município de Figueira de Castelo Rodrigo, o concelho de Almeida e a região a sul de Vilar Formoso, a presença de lobo é, em geral, pouco estável.

Zonas existem, como o concelho da Guarda, em que os ataques decresceram de forma assinalável, o que talvez signifique que a alcateia aí detetada no censo de 2002/2003 pode ter desaparecido. Da mesma forma, os estudos recentes do Projeto não confirmaram a existência de uma alcateia na região do Sabugal, como o censo indicava. Por outro lado, há áreas onde o *habitat*, incluindo a abundância de presas silvestres, é indicado para o lobo, como a Serra das Mesas, no Sabugal e a vizinha Serra da Malcata. Estes locais deverão merecer maior atenção no futuro próximo por serem áreas potenciais de expansão natural do lobo.



A vida «na boca do lobo»

O que se diz e sabe do lobo

O Projeto Med-Wolf procedeu a uma sondagem, inquirindo centenas de pessoas; entre o público em geral e auscultando grupos específicos, como criadores de gado, caçadores, jornalistas e agentes da autoridade com funções na conservação da Natureza.

Para saber até que ponto as pessoas conhecem os reais hábitos e características do lobo, foram colocadas 12 questões de resposta múltipla. A média das escolhas corretas ficou abaixo dos 50%, em todos os grupos. Os criadores e os caçadores destacaram-se um pouco no acerto.

Dados concretos como o número de lobos em Portugal e o peso de um macho adulto (25-40 kg) foram, curiosamente, alvo de exagero: tende-se a imaginar este animal como sendo mais corpulento do que é; e são-lhe atribuídos efetivos superiores aos cerca de 300 exemplares que existem no País. Mesmo as respostas relativas à quantidade de lobos nos concelhos dos inquiridos são maioritariamente erróneas: a vasta maioria declarou mesmo não saber. Apenas em Idanha-a-Nova a maioria acertou, respondendo “zero”.

Mas a atitude genérica face à presença do predador parece não ser muito negativa, mesmo entre os principais afetados, os criadores de gado. A Beira Interior também não se distingue de outras zonas, como o distrito de Viseu ou Vila Real, no que toca à opinião sobre os lobos das pessoas que aí vivem. Muitos já interiorizaram que se trata de uma espécie a respeitar, protegida por lei. Mesmo assim, a visão do lobo como um animal que infunde medo ainda persiste em algumas mentalidades. É preciso continuar a trabalhar para atenuar estes mitos, explicando que o lobo não representa qualquer ameaça à segurança de adultos nem de crianças. Em Portugal uma pesquisa aprofundada permitiu concluir que os ataques a pessoas ocorridos durante o século xx terão sido obra de lobos com raiva (doença atualmente erradicada do território nacional).

O lobo enquanto fonte de receitas

É sabido que o lobo é um animal apreciado por muitos cidadãos; predador lendário que enche mitos e filmes. Por isso, muitas pessoas são capazes de se fazer à estrada para contactar com realidades campestres que ainda mantêm espaço para criaturas selvagens e raras.

Um estudo realizado pela Universidade do Montana, em 2006, nos EUA, contabilizou o efeito na economia da presença de lobos no Parque Nacional de Yellowstone em mais de 32 milhões de euros de benefício para a região envolvente. Logo após a reintrodução desta espécie, as receitas dispararam – mesmo durante o período em que não houve lobos no parque, os turistas nunca deixaram de perguntar por eles. Note-se que as perdas devidas a ataques de lobos ao gado nas redondezas atingiram um máximo de apenas 55 mil euros anuais.

Mais perto de nós, na reserva espanhola da Serra da Culebra (Zamora), a presença do lobo é igualmente usada como atrativo turístico. Estima-se que em 2012, só de receitas diretas em dormidas e refeições, o comércio local lucrava mais de 600 mil euros com o turismo centrado no lobo. Já antes um trabalho de doutoramento avaliava em mais de 6 milhões de euros por ano os rendimentos globais para aquela região, provenientes do fluxo de turistas atraídos pela presença do lobo.



O Curral dos lobos, em Pinhel, é na realidade um fojo de lobo, uma antiga armadilha de muros de pedra. No interior era colocada uma cabra ou ovelha para atrair o lobo, que depois de entrar não conseguia escapar, devido à altura das paredes. Este testemunho da presença do lobo na região deve agora ser valorizado através do turismo.



O ecoturismo dedicado ao lobo valoriza as atividades associadas à pecuária, que têm em consideração a coexistência com a espécie.

Do lado de cá da fronteira, os efetivos do predador são mais modestos, dificultando, e muito, a sua observação. Mas em 2015 o Projeto Med-Wolf levou a cabo, na zona do Sabugal, dois programas, um intitulado “O Lobo em Terras do Côa” e o outro “Um Dia com o Pastor”. Combinando passeios pedestres por zonas de impressionante beleza natural, aproveitando a Grande Rota do Vale do Côa, e ainda visitas a explorações pecuárias. Descobrimos a vida dos profissionais da pecuária e sentindo a hospitalidade, as tradições e a gastronomia beirãs, sempre em contacto direto com os animais e a vida do campo. Com refeições em bons restaurantes da zona e dormidas em unidades hoteleiras locais.

A dimensão inesperada do sucesso destas duas ações-piloto, com o número previsto de participantes a ser largamente ultrapassado, incluindo visitantes de Lisboa e moradores da zona, foi animadora: existem por certo condições para se rendibilizar como chamariz turístico a presença do lobo na região.

A compensação dos prejuízos

Todos os prejuízos que comprovadamente tenham sido causados por lobo são indemnizados pelo Estado Português, através do Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas.

O direito a esta indemnização está previsto na Lei de Proteção do Lobo-Ibérico (Lei n.º 90/88) bem como no diploma que a regulamenta (Decreto-Lei n.º 139/90).

O pagamento de indemnização é relativo aos prejuízos causados pelos ataques de lobos a animais associados à atividade pecuária, incluindo cães de manejo ou de proteção do gado. Não há lugar a indemnizações relativas a animais desaparecidos. Para receber a verba, o criador de gado deverá ter um cão de gado por cada 50 cabeças, até um máximo de 5 cães por rebanho, e o efetivo terá obrigatoriamente de estar confinado (por exemplo num cercado, ou noutra estrutura que não permita a entrada do lobo), ou guardado por

pastores. Os valores da indemnização são definidos de acordo com as cotações dos mercados de cada região, publicadas semanalmente no boletim do Sistema de Informação de Mercados Agrícolas (SIMA – <http://www.gpp.pt/sima.html>), as quais são estabelecidas em função das características dos animais, como a espécie, raça, idade e estado fisiológico. Também são reembolsáveis as despesas de tratamento veterinário de animais feridos durante os ataques, de acordo com requisitos estabelecidos.

O proprietário que sofre um prejuízo deve contactar os serviços do ICNF, de acordo com a localização da sua exploração, no máximo até 48 horas após ter conhecimento da ocorrência do mesmo. Não deve remover a carcaça do local em que foi encontrada, nem destruir quaisquer vestígios que possam ajudar à reconstituição do ataque, sob pena de perder o direito à indemnização.



A prevenção dos ataques

O Projeto Med-Wolf preparou um Manual de Prevenção de Prejuízos por Predadores no Gado. Nesse documento, os temas seguintes são tratados com mais profundidade, incluindo esquemas técnicos e outra informação relevante. Peça um exemplar ou descarregue o PDF nas páginas do Grupo Lobo ou do Projeto Med-Wolf.



Como defender o gado do lobo?

A expansão natural de animais como o lobo é uma possibilidade real, pelo que os criadores de gado deverão adaptar-se a essa situação, como os agricultores se devem acautelar contra as tempestades. Felizmente, no caso dos predadores a proteção é possível, existindo até apoios para as medidas de proteção e para compensar os prejuízos económicos.

Pontos a reter

O manejo deve ser adaptado ao tipo de gado, ao tipo de pastagem, aos objetivos de produção, às características da região, mas também à presença de predadores e ao risco de ataques. O efetivo das manadas de bovinos deve ser superior a 10 indivíduos, uma vez que grupos menores são mais vulneráveis. A maior parte dos ataques a equinos e bovinos acontece a animais isolados ou a manadas com menos de 8 animais. As fêmeas reprodutoras com mais de 10 anos de idade devem ser substituídas, pois o risco de predação das crias aumenta com a idade da fêmea. A dimensão das manadas deve ficar abaixo dos 100 animais, de forma a reduzir as áreas necessárias para pastoreio e facilitar a sua vigilância e confinamento.

Um ou mais pastores contribuem bastante para afastar os predadores. Estes preferem evitar o Homem e atacar um rebanho ou manada em que o pastor está ausente.





Os cães de gado têm características físicas e de comportamento especiais, selecionadas para proteger os animais domésticos dos ataques dos predadores. Estes podem ser lobos, cães vadios, raposas (ou ursos ou águias, noutras paragens); um bom cão afasta até abutres e demais aves necrófagas. Além disso, os cães de gado ajudam a afastar animais como os javalis ou os veados, reduzindo os prejuízos que eles causam nas culturas agrícolas e florestais. Assim, previnem a transmissão de doenças, como a tuberculose e a brucelose, ao gado.

A sua utilização permite uma redução que pode variar entre os 13 e os 100% dos prejuízos causados por predadores, alcançando uma redução média de 64% no número de animais mortos. O número ideal de cães depende de vários fatores, como o efetivo, o comportamento do gado, a sua espécie e raça, e ainda a densidade de lobos na região. Deverão estar presentes pelo menos dois cães, para se poderem apoiar e dar confiança um ao outro. Todo o processo de integração destes guardas nos rebanhos tem a sua ciência: ocasiões propícias, cuidados a ter, observações criteriosas a fazer. Além disso, para haver compensação de prejuízos causados por lobos, deverá ter um cão



de gado por cada 50 cabeças, até um máximo de 5 cães por rebanho. Porém, em rebanhos de grandes dimensões e com elevado risco de ataques, pode ser aconselhável ter mais cães.

As vedações de malha metálica, quando bem construídas (altura mínima de 1,8 m a partir do solo, “pescoço de cavalo” no topo, com um mínimo de 50 cm de extensão de rede, voltado para o exterior a um ângulo de 45°, e enterradas pelo menos 30 cm) e bem mantidas, são uma barreira muito eficaz à entrada de predadores, devendo a sua eficácia atingir os 100%. São necessárias autorizações de construção camarárias, ou do ICNF, caso a vedação fique no interior de uma Área Protegida ou em zonas de Rede Natura 2000.



As vedações elétricas, bem construídas e com boa manutenção, são eficazes para proteger o gado em pastagens pequenas ou durante a noite. Têm de ter entre 1,5 e 1,7 m de altura e ser formadas por vários fios ou fitas elétricas, ou por cabos de aço de 1,5 mm (estes são mais indicados para vedações fixas ou para gado menos habituado a vedações elétricas). Os condutores serão espaçados de 10 a 30 cm, com os fios perto do solo mais próximos uns dos outros. São de evitar distâncias maiores do que 15 cm entre o condutor mais baixo e o solo.

A distância entre os postes deve ser de 2 a 10 m, devendo eles estar mais próximos caso existam valas ou elevações, para acompanhar melhor as irregularidades do terreno.

A eficácia das vedações elétricas, fixas ou móveis, pode atingir os 98% de redução do número de animais mortos. Podem ser usadas para aumentar a eficácia de uma vedação de arame existente, bastando colocar fios elétricos ao longo da vedação junto ao solo (para impedir que o predador escave ou passe por baixo) e acima da vedação (para impedir que o predador salte sobre ela). Podem ainda ser usadas para impedir a entrada de outros animais nas pastagens, como javalis, mas neste caso são usados cabos de aço, para maior resistência.



Outros métodos: as *barbacanas*, ou *fladry* (simples fitas de plástico ou *nylon*), de cor vermelha e com cerca de 50 x 10 cm de dimensão, penduradas num fio, a intervalos de 50 cm, dissuadem a presença do lobo durante cerca de 2 meses, no máximo. Canhões de propano, para produzir ruídos fortes, ou coleiras largas de material resistente para proteger os pescoços dos animais, são outras estratégias possíveis.



Apenas os animais que se encontrassem protegidos de acordo com os requisitos previstos na legislação referida são objeto de indemnização. As vedações, elétricas ou não, são eficazes desde que bem pensadas e instaladas – impedindo, por exemplo, que o lobo escave por baixo delas. As raças nacionais como o Cão da Serra da Estrela, o Cão de Castro Laboreiro ou o Cão de Gado Transmontano são especialmente indicadas para proteger animais domésticos, adaptando-se cada uma delas melhor a alguns tipos de terreno.

Apoios à proteção do gado

Programa Cão de Gado

O Grupo Lobo desenvolve desde 1996 o Programa Cão de Gado, que apoia criadores de gado com prejuízos confirmados de lobo (ou em zonas de expansão potencial deste predador), através da doação de cachorros selecionados de raças nacionais de Cães de Gado, prestando ainda auxílio técnico na sua educação. Em alguns casos, pode também financiar a alimentação e os cuidados veterinários do cão até à idade adulta.

Programa de Desenvolvimento Rural – PDR 2020

Medida 3 – Valorização da Produção; Operação 3.2.2 Pequenos Investimentos na Exploração

Objetivo: apoiar os produtores pecuários a melhorar o desempenho das explorações agrícolas, através do apoio a investimentos materiais de natureza pontual e pequena dimensão (10.000 a 25.000 euros), como pequenas construções agrícolas e pecuárias, incluindo apoio a equipamento de prevenção contra roubos.

Medida 7 – Agricultura e recursos naturais: Ação 7.7 – Pastoreio Extensivo; Operação 7.7.3 Pastoreio Extensivo – Apoio à Proteção do Lobo-Ibérico

Objetivo: apoiar os produtores pecuários a proteger melhor os seus efetivos contra os ataques de lobo, minimizando assim o conflito que se verifica entre a atividade pecuária em pastoreio e a conservação desta espécie protegida por lei. É apoiada a manutenção de cães de gado, num montante de 350 euros anuais, para um cão para 5 Cabeças Normais, até um máximo de 700 euros para 2 cães para 10 Cabeças Normais, em regiões de presença de lobo e segundo alguns critérios de seleção.

Para saber mais: www.gpp.pt/pdr2020

No campo, estudando os lobos

Parte do mito das “largadas” de lobos é a ideia de muitos supostamente “terem coleira”. O que até tem origem remota em factos: alguns animais em Espanha e Portugal (Bragança, Viseu, Minho) foram ou estão a ser seguidos por telemetria GPS. Estes lobos são capturados na Natureza, devidamente anestesiados por um veterinário e, após alguns exames, são-lhes colocados colares com emissores GPS. Por rede de telemóvel, esses colares emitem periodicamente dados sobre a sua localização (até serem largados de forma automática ao fim de alguns anos). Antes, isto era feito com emissores rádio; para se obter uma localização, os sinais tinham de ser pacientemente triangulados, o que implicava seguir os animais pelo campo fora.

Este é um dos chamados “métodos de deteção direta” de lobos, juntamente com as “estações de escuta”, em que os técnicos imitam uivos de lobo e anotam as posições e o número de respostas obtidas, e as “estações de espera” que se realizam para observar os lobos. Os métodos de deteção indireta incluem a armadilhagem fotográfica (com câmaras automáticas), a análise de prejuízos no gado e a prospeção de indícios de presença. Estes métodos permitem obter informação sobre o número mínimo de animais numa alcateia, mas também sobre a sua idade (crias/adultos), o seu género, estado corporal (doenças) ou fisiológico (p. ex. fêmeas lactantes).



O uso de cães treinados para detetar dejetos de lobo pode ajudar a confirmar a presença da espécie em regiões onde é pouco frequente.



A deteção de sinais de presença acarreta paciente trabalho de campo, em busca de dejetos, pegadas ou rastros diversos. Usando caminhos de terra, as cumeadas e orlas florestais são monitorizadas, a pé ou em automóveis (a uma velocidade de 10 km/h); cada indício é georreferenciado (registo das coordenadas GPS para permitir o mapeamento) e são recolhidas amostras dos dejetos ou pelos encontrados. Depois, estas amostras são enviadas para análise genética; para confirmar a sua origem lupina e para tentar descortinar o género de cada animal. Os dados obtidos são usados para estimar o número mínimo de lobos numa zona, a diversidade genética da população, e, se a qualidade da amostra for suficiente, identificar o indivíduo, embora isto nem sempre seja possível. É ainda com base nos dejetos que se estuda a dieta dos lobos numa determinada região, identificando os pelos e ossos dos animais consumidos. Se as amostras forem frescas é ainda possível realizar análises hormonais, para avaliar o estado fisiológico do animal.

Pode ainda contar-se com a ajuda de cães de deteção, treinados para encontrar dejetos de lobo, distinguindo-os pelo faro dos de outros animais presentes na zona, incluindo cães. Trabalham sempre na companhia do treinador, sendo capazes de encontrar o seu “alvo” à distância, isolando o seu odor dos de inúmeros dejetos de animais de outras espécies, nas redondezas.



A colocação de colares de telemetria em lobos permite obter dados de utilização do espaço e dispersão, muito úteis para o conhecimento da espécie. A análise de dejetos pode fornecer informação muito diversificada.

Mitos de ontem e de hoje

O lobo sempre alimentou a superstição. Começando pelos lobisomens, que na sua encarnação portuguesa têm a forma simples de bichos, distinguindo-se por andarem sobre duas patas. O Abade de Baçal aponta-lhes características que os marcam, mesmo sob forma humana: “de cor tipicamente pálida, olhos massados e mãos extraordinariamente calosas”.

Relatos fantasiosos de ataques de lobos a seres humanos também corriam, em muitos casos explicando que apenas sobreviviam as partes tocadas pelos santos óleos do batismo. Recorde-se que não existe registo, em Portugal, de qualquer ataque a pessoas, por parte de lobos saudáveis (sem raiva). Como se sabe, ataques de cães a pessoas são infelizmente comuns, por vezes com consequências trágicas.

À semelhança de outros entes “maléficos”, o lobo também podia ser usado para o bem, esconjurando maldições e doenças. Um olho de lobo guardado na algibeira dava coragem ao seu portador; uma cabeça de lobo pregada numa porta afastaria qualquer feitiço que pairasse sobre os moradores da casa. Água passada por uma “gola” (parte da traqueia do animal) transformava-se logo em cura para doenças dos porcos (a imaginária “lobagueira”); o “unto do lobo”, gordura que sobra da cozedura da carcaça de um lobo, aliviaria enfermidades dos ossos.

O lobo é um animal naturalmente furtivo e esquivo; ataca em grupos, com astúcia de bom caçador; prefere a noite para se deslocar; tem fama de bicho voraz, que mata por prazer (algo que é, como já vimos, falso). Justifica-se assim o seu lugar ímpar em lendas e mitos.

Mesmo nos dias de hoje, as fantasias são muitas, como os boatos de que “alguém” anda a libertar lobos nas serras. Há décadas que este mito viaja de aldeia em aldeia, sempre com estranhos pormenores, sempre sob a forma de relatos de anónimos,

nunca na primeira pessoa. Os tais lobos seriam “diferentes” dos lobos “normais”. Mais pequenos, talvez amarelados na pelagem e com hábitos estranhos: há quem garanta que os lobos “botados” ou “largados” rondam as aldeias bem de perto, sem medo das pessoas, e que terão perdido a capacidade de caçar.

Isto tudo sem que alguma vez na Europa tenha sido levado a cabo qualquer programa de reintrodução de lobos.



Na região do Barroso ainda se acredita que água passada pela “gola do lobo” e dada a beber aos porcos ajuda a curar uma doença conhecida por “lobagueira”. Esta era supostamente transmitida pelo “mau ar do lobo”, presente em mato por onde o lobo tivesse passado e que depois fosse usado para as camas dos porcos.

Na realidade, os lobos são os de sempre: embora tenham sido exterminados em muitas paragens de Portugal, nunca deixaram de estar presentes, mesmo nas Beiras. Com o abandono de muitas terras e a redução da presença humana, todos os animais silvestres ganharam espaço e condições para aumentar os seus números. Mas a aproximação de lobos a lixeiras, como em Bragança, é há muito conhecida. Hoje, há menos contacto com a Natureza e menor conhecimento do lobo, o que leva a que alguns comportamentos do animal, considerados normais no passado, pareçam agora difíceis de explicar e alimentem mitos e medos injustificados. Existem registos antigos de lobos que passavam no meio das aldeias e atacavam os cães que dormiam nas soleiras das portas no inverno; e histórias de meninos pastores que corajosamente recuperavam os cabritos, retirando-os da boca dos lobos.

O aspeto “diferente” dos tais lobos “de aviário” explica-se pela grande diferença que os lobos apresentam nas suas pelagens de verão e de inverno e por diferenças entre exemplares, que podem ser significativas. Já o seu carácter destemido é pura invenção; só os lobos mais prudentes sobreviveram à perseguição dos homens, dando origem a uma população muito mais tímida.

Mas, e isto é muito grave, por vezes até jornais e estações televisivas insistem no espalhar destes mitos, sem confirmar as informações nem obter testemunhos baseados em dados científicos.



Não existem lobisomens nem fadas dos lobos.

Nunca, em toda a Europa, foi feita qualquer reintrodução de lobos.

Não há qualquer diferença, de aspeto ou de temperamento, entre os lobos atuais e os “de antigamente”.

Em Portugal, não existe um só registo moderno de um ataque de lobos saudáveis a pessoas.

Só os lobos mais prudentes sobreviveram à perseguição dos homens, dando origem a uma população muito mais tímida.

Há bastante mais a temer de cães do que dos lobos.

Respostas a algumas perguntas

O lobo é protegido por lei?

Sim. A Lei n.º 90/88 de 13 de Agosto e o Decreto-Lei 139/90 de 27 de Abril declararam-no espécie estritamente protegida em Portugal (pág. 9).

O lobo faz alguma falta?

Sim, como todos os animais, tem um papel determinante no equilíbrio do ecossistema, acrescido por ser um predador de topo. Por exemplo, no parque americano de Yellowstone, o desaparecimento dos lobos levou à desflorestação de áreas importantes, pois os herbívoros multiplicaram-se sem controlo. Em regiões mais agrícolas, a presença de lobos diminui o número de outros predadores, com efeitos benéficos na caça. Reduzindo também o número de ungulados silvestres, o que diminui os prejuízos causados por veados e javalis e a transmissão de doenças ao gado (pág. 14).

A pecuária pode ser compatível com a presença de lobos?

Sim. Existem exemplos disso em diversos países e em várias regiões de Portugal. Para lá de medidas de prevenção de ataques bastante eficazes (pág. 33), existem mecanismos para indemnizar os criadores pelas perdas sofridas (pág. 31).

Os lobos podem ajudar as economias locais?

Sim. O ecoturismo é uma fonte de receitas em vários países (pág. 30).

O lobo deixa sempre provas da autoria dos seus ataques?

Na maioria das situações sim; mas, por vezes, nem recorrendo a análises genéticas se consegue saber com toda a certeza se foram lobos ou cães os culpados de um ataque (pág. 13).

Os lobos só estão a aparecer mais em Portugal?

Não. Em vários países onde zonas rurais têm vindo a perder população, as alcateias tendem a recolonizar esses espaços (pág. 26).

O lobo está em crescimento na Beira Interior?

Em algumas zonas sim, noutras não. Mas o balanço global na região deverá ser de um ligeiro aumento no número de lobos (pág. 28).

Os lobos atacam por prazer?

Não. Trata-se de uma reação natural à abundância de presas menos aptas a defenderem-se (pág. 19).

Os lobos atacam as pessoas?

Não. Em Portugal, não há qualquer registo de ataques de lobos são, apenas de animais com raiva – doença já erradicada do País (pág. 29).

Os lobos aproveitam bem as carcaças?

Sim, se não forem perturbados. É normal que os lobos voltem às carcaças dos animais que caçam, e que as aproveitem totalmente (pág. 7).

Os lobos são largados, ou “botados”?

Não. Nunca houve qualquer reintrodução de lobos na Europa. Tal é mesmo proibido por lei em Portugal (pág. 42).

Os lobos de agora são diferentes dos de antigamente?

Não. Os lobos de hoje são iguais aos de sempre. Apesar de todos pertencerem à mesma espécie, cada lobo pode ter características individuais ou mesmo mudar de aspeto ao longo do ano e da vida (pág. 2).

Os lobos aproximam-se mais das pessoas?

Não. Os lobos sempre viveram muito perto do Homem, embora sejam tímidos por natureza e procurem evitar o contacto com as pessoas (pág. 43).

Os lobos não caçam javalis, sendo até por eles afastados?

Falso. Basta ver que em zonas de abundância de javali, como Montesinho, este representa até 40% da alimentação do lobo (pág. 15).

Os lobos são incompatíveis com a caça maior?

Não. O lobo elimina os animais mais débeis e doentes. Logo, contribui para melhorar os efetivos de caça maior, sem nunca os extinguir (pág. 14).

Os lobos têm lugar nos ecossistemas humanizados?

Sim. O lobo é um predador extremamente adaptável. Desde que disponha de presas silvestres e refúgio, pode viver paredes meias com o Homem sem grandes conflitos.

Os lobos são parentes dos cães?

Sim. O cão é a versão domesticada do lobo. Há milhares de anos foi adotado como guarda ou adotou-nos e desde então, fruto da seleção pelo Homem, deu origem a centenas de raças caninas diferentes (pág. 21).

Os lobos podem acasalar com os cães?

Este fenómeno, apesar de raro, se considerarmos o número de cães e lobos que existem nas nossas montanhas, foi confirmado recentemente por análises genéticas (pág. 11).

Bibliografia útil

ALEXANDRE, A.S.; CÂNDIDO, A.T. & PETRUCCI-FONSECA, F. (2000). A população lupina portuguesa a Sul do Rio Douro. *Galemys*, 12: 113-122.

ÁLVARES, F.; ALONSO, P.; SIERRA, P. & PETRUCCI-FONSECA, F. (2000). Os fojos dos lobos na Península Ibérica. Sua inventariação, caracterização e conservação. *Galemys*, 12: 57-77.

ÁLVARES, F.; BARROSO, I.; ESPÍRITO-SANTO, C.; FERRÃO DA COSTA, G.; FONSECA, C.; GODINHO, R.; NAKAMURA, M.; PETRUCCI-FONSECA, F. PIMENTA, V.; RIBEIRO, S.; RIO-MAIOR, H.; SANTOS, N. & TORRES, R. (2015). *Situação de referência para o Plano de Ação para a Conservação do Lobo-ibérico em Portugal*. ICNF/CIBIO-INBIO/CE3C/UA, Lisboa, 70 pp.

ÁLVARES, F.; PEREIRA, E. & PETRUCCI-FONSECA, F. (2000). O lobo no Parque Internacional Gerês-Xurés. Situação populacional, aspectos ecológicos e perspectivas de conservação. *Galemys*, 12: 223-239.

BLANCO, J.C. & CORTÉS, Y. (2002). *Ecología, censos, percepción y evolución del lobo en España: análisis de un conflicto*. SECEM, Málaga, 176 pp.

BLANCO, J. C.; CUESTA, L. & REIG, S. (1990). *El lobo (Canis lupus) en España. Situación, problemática y apuntes sobre su ecología*. ICONA, Collécion Técnica, Madrid, 118 pp.

BOITANI, L. (2000). Action Plan for the Conservation of the wolves (*Canis lupus*) in Europe. *Nature and Environment*, 113, Council of Europe Publishing.

CABRAL, M.J. (Coord.); ALMEIDA, J.; ALMEIDA, P.R.; DELLINGER, T.; FERRAND DE ALMEIDA, N.; OLIVEIRA, M.E.; PALMEIRIM, J.M.; QUEIROZ, A.I.; ROGADO, L. & SANTOS-REIS, M. (Eds.) (2005). *Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal*. Instituto da Conservação da Natureza, Lisboa, 660 pp.

CAETANO, P.; FERREIRA, J.P. & MATEUS, J. (2006). *Lobos em Portugal*. Edições Má Criação, 231 pp.

CAETANO, P.; RIBEIRO, S. & FERREIRA, J.P. (2010). *Cães de Gado*. Editorial Bizâncio, Lisboa, 159 pp.

CÂNDIDO, A.T. & PETRUCCI-FONSECA, F. (2000). O lobo na Serra da Estrela: passado, presente e futuro. *Galemys*, 12: 209-222.

CARREIRA, R. & PETRUCCI-FONSECA, F. (2000). O lobo na região Oeste de Trás-os-Montes (Portugal). *Galemys*, 12: 123-134.

EGGERMANN, J.; FERRÃO DA COSTA, G.; GUERRA, A.G.; KIRCHNER, W. & PETRUCCI-FONSECA, F. (2011). Presence of Iberian wolf (*Canis lupus signatus*) in relation to land cover, livestock and human influence in Portugal. *Mammalian Biology*, 76(2): 217-221.

GODINHO, R.; LLANEZA, L.; BLANCO, J.C.; LOPES, S.; ÁLVARES, S.; GARCÍA, E.J.; PALACIOS, V.; CORTÉS, Y.; TALEGÓN, J. & FERRAND, N. (2011). Genetic evidence for multiple events of hybridization between wolves and domestic dogs in the Iberian Peninsula. *Molecular Ecology*, 20: 5154-5166.

GRANDE DEL BRIO, R. (1984). *El lobo ibérico. Biología y mitología*. Ciencias de la Naturaleza, Editions Hermann Blumme, Madrid, 344 pp.

GRILLO C.; MOÇO G.; CÂNDIDO A.T.; ALEXANDRE, A.S. & PETRUCCI-FONSECA, F. (2002). Challenges for the recovery of the Iberian wolf in the Douro river region. *Revista de Biologia*, 20: 121-133.

LLANEZA, L & BLANCO, J.L. (2005). Situación del lobo (*Canis lupus*) en Castilla y León en 2001. Evolución de sus poblaciones. *Galemys*, 17(NE): 15-28.

LOPEZ, B. (1978). *Of wolves and man*. Charles Scribner's Sons, New York, 309 pp.

MECH, L.D. & BOITANI, L. (Eds.) (2003). *Wolves: Behavior, Ecology, and Conservation*. The University of Chicago Press, Chicago, 448 pp.

MOÇO, G.; GUERREIRO, M.; FERREIRA, A.F.; REBELO, A.; LOUREIRO, A.; PETRUCCI-FONSECA, F. & PÉREZ, J.M. (2006). The wild goat *Capra pyrenaica* returns to its former Portuguese range. *Oryx*, 40: 351-354.

MOREIRA, L. (1998). *O Lobo*. João Azevedo Editor, Mirandela, 85 pp.

PIMENTA, V.; BARROSO, I.; ÁLVARES, F.; CORREIA, J.; FERRÃO DA COSTA, G.; MOREIRA, L.; NASCIMENTO, J.; PETRUCCI-FONSECA, F.; ROQUE, S. & SANTOS, E. (2005). *Situação populacional do lobo em Portugal: resultados do censo nacional 2002/2003*. Instituto da Conservação da Natureza/Grupo Lobo, Lisboa, 158 pp.

RIBEIRO, S. & PETRUCCI-FONSECA, F. (2005). The use of livestock guarding dogs in Portugal. *Carnivore Damage Prevention News*, 9: 27-33.

RIBEIRO, S. & PETRUCCI-FONSECA, F. (2012). *Lobo Ibérico (Canis lupus signatus): Um Superpredador Admirado e Perseguido: Lobo Ibérico*. Pp. 31-53. In: *Um Olhar Sobre os Carnívoros Portugueses* (Loureiro, F.; Pedroso, N.M.; Santos, M.J. & Rosalino, L.M., Eds.). CARNIVORA, Lisboa, 252 pp.

RIPPLE, W.J.; ESTES, J.A.; BESCHTA, R.L.; WILMERS, C.C.; RITCHIE, E.R.; HEBBLEWHITE, M.; BERGER, J.; ELMHAGEN, B.; LETNIC, M.; NELSON, M.P.; SCHMITZ, O.W.; SMITH, D.W.; WALLACH, A.D. & WIRSING, A.J. (2014). Status and ecological effects of the world's largest carnivores. *Science*, 343: 1068-1081.

RODRIGUES, J.B. (Ed.) (2013). *Entre Lobos & Pastores*. CORANE, Bragança, 126 pp.

ROQUE, S.; ÁLVARES, F. & PETRUCCI-FONSECA, F. (2001). Utilización espacio-temporal y hábitos alimentarios de un grupo reproductor de lobos en el Noroeste de Portugal. *Galemys*, 13: 179-198.

SHANNON, L.M.; BOYKO, R.H.; CASTELHANO, M.; COREY, E.; HAYWARD, J.J., MCLEAN, C.; WHITE, M.E.; ABI SAID, M.; ANITA, B.A.; BONDJENGO IKOMBE, N.; CALERO, J.; GALOV, A.; HEDIMBI, M.; IMAM, B.; KHALAP, R.; LALLY, D.; MASTA, A.; OLIVEIRA, K.C.; PÉREZ, L.; RANDALL, J.; TAM, N.M.; TRUJILLO-CORNEJO, F.J.; VALERIANO, C.; SUTTER, N.B.; TODHUNTER, R.J.; BUSTAMANTE, C.D. & BOYKO, A.R. (2015). Genetic structure in village dogs reveals a Central Asian domestication origin. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*, 112: 13639-13644.

VENTURA, J. (2008). *À Lareira do Montemuro: Histórias de lobos*. Ed. Associação para a defesa do Vale do Bestança, 119 pp.

VILÁ, C.; SAVOLAINEN, P.; MALDONADO, J.E.; AMORIM, I.R.; RICE, J.E.; HONNNEYCUTT, R.L.; CRANDALL, K.A.; LUNDBERG, J. & WAYNE, R.K. (1997). Multiple and ancient origins of the domestic dog. *Science*, 276: 1687-1689.

Projeto Med-Wolf: em favor da coexistência na Guarda e em Castelo Branco

O Projeto LIFE Med-Wolf está no terreno, até 2017, para reduzir os conflitos entre o lobo e as atividades humanas em duas áreas rurais, em Portugal e Itália, onde os hábitos culturais de coexistência se têm vindo a perder. É um esforço conjunto inédito, integrando 12 organizações portuguesas e italianas de natureza agrícola e ambiental, entidades estatais e centros de investigação.



O Projeto é cofinanciado pelo programa LIFE+ Natureza e Biodiversidade, um instrumento financeiro da Comissão Europeia criado para ajudar os Estados membros a salvar a sua herança natural, conservando espécies, mantendo *habits* e modos de vida. Assim sendo, o investimento vem da União Europeia; juntando-se a contributos de cada uma das entidades envolvidas. Este projeto implica a entrada no nosso País de apoios financeiros importantes, canalizados para várias ações, da investigação à divulgação, mas essencialmente a ações concretas, como a entrega de cães de gado e de vedações a explorações pecuárias, para aumentar a sua proteção e rentabilidade.

O Projeto também trabalha para promover o ecoturismo na região, redundando em vantagens generalizadas, a médio e longo prazo.

Quatro anos e meio de pesquisa, sensibilização, formação e medidas concretas.

Combinando os esforços de entidades universitárias, ambientais, agrícolas e autárquicas.

Para saber como aproveitar estas vantagens, contacte o Projeto pelo *e-mail* lifemedwolf@fc.ul.pt

AVANÇOS NA GUARDA E EM CASTELO BRANCO

Até ao fim de 2015, o Projeto Med-Wolf já ofereceu 25 cães de gado, com o respetivo apoio veterinário e alimentar. Mais de 30 vedações fixas foram igualmente instaladas com o apoio do Projeto.

Os ataques de lobo decresceram nas explorações beneficiadas.



CONTACTOS

Páginas Internet:

lobo.fc.ul.pt

www.medwolf.eu

Telefone: **217 500 073**

E-mails: **globo@fc.ul.pt**

lifemedwolf@fc.ul.pt

LINKS

Programa Cão de Gado

lobo.fc.ul.pt/caodegado/index.html

Projeto Med-Wolf

www.medwolf.eu

Projeto LIFE-COEX

www.life-coex.net

ICNF - Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas

www.icnf.pt/portal

www.icnf.pt/portal/naturaclas/patrinatur/especies/mam/lob-ib

www.icnf.pt/portal/naturaclas/patrinatur/resource/docs/Mam/rel-lobo

PDR 2020 - Programa de Desenvolvimento Rural

www.gpp.pt/pdr2020

ACHLI - Associação de Conservação do Habitat do Lobo Ibérico

www.loboiberico.org

ASCEL - Asociación para la Conservación y Estudio del Lobo Ibérico

loboiberico.com

LCIE - Large Carnivore Initiative for Europe

www.lcie.org

AUTORES DAS FOTOGRAFIAS E IMAGENS

ACHLI

Artur V. Oliveira

Erika Almeida

Fundación Oso Pardo (LIFE-COEX)

Francisco Álvares

Gilberto Colaço

Gonçalo Ferrão da Costa

Grupo Lobo

Joaquim Pedro Ferreira

José Paulo Ruas

Luís Ferreira (www.luis-ferreira.com)

Miguel Mendes

Mónia Nakamura

Nathan Lance

Ricardo Nabais

Rita Santos

Sara Loureiro

2016

A informação e os dados apresentados neste documento tiveram por base vários estudos desenvolvidos por diversos investigadores, e cujas referências vêm citadas na Bibliografia útil.



Com o apoio do instrumento financeiro LIFE,
da Comissão Europeia.